

*A utopia urbana de Edward Bellamy**

JOSÉ ANTONIO VASCONCELOS**

Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo procura delinear perfis urbanos presentes na obra *Looking Backward*, de Edward Bellamy, um romancista e jornalista norte-americano da segunda metade do século XIX. Trata-se de uma utopia na qual o personagem principal é transportado para o futuro, cem anos mais tarde, acordando no final do século XX após uma suposta noite de sono. No romance de Bellamy os Estados Unidos teriam se tornado uma nação socialista que, por meio de um governo centralizado, garantiria a justiça social. Embora a proposta de reforma social de Bellamy hoje pareça ingênua, sua obra exerceu um fascínio significativo na intelectualidade de sua época e lança questões sobre justiça social e urbanização que a tornam de interesse atual em diversos aspectos.

Palavras-chave: Edward Bellamy; *Looking Backward*; Utopia.

Abstract: This article aims to delineate urban profiles in the novel *Looking Backward*, by Edward Bellamy, a nineteenth-century American writer and journalist. It is a utopian novel, in which the main character goes to the future, about a hundred years later, after a supposed night of sleep. The United States then would have become a socialist nation where a centralized state guarantees social justice. Although Bellamy's proposal for social reform might seem naïve by today standards, it nevertheless exerted a great influence

* Artigo submetido à avaliação em 3 de agosto de 2013 e aprovado para publicação em 17 de setembro de 2013.

** Doutor em História pela Unicamp, Professor do departamento de História da Universidade de São Paulo. Pesquisa em andamento: Semeadores de sonhos: utopias e utopistas do século XIX. E-mail: vasconcelos@usp.br.

in intellectuals of his day, and it raises questions about justice and urbanization that make it interesting for our present time.

Keywords: Edward Bellamy; *Looking Backward*; Utopia.

Introdução

Com a expansão industrial que tomou impulso principalmente a partir da segunda metade do século XIX nos Estados Unidos, multiplicaram-se as grandes cidades – com mais de cem mil habitantes – que já não eram incomuns na Europa nessa época, a exemplo de Londres, Manchester, Paris e outras.¹ Tais como as grandes cidades europeias, os grandes centros urbanos nos Estados Unidos encontravam problemas como a miséria, a criminalidade, os conflitos de classes, em contraste com a exuberância de seus edifícios e as comodidades trazidas pelo desenvolvimento tecnológico. É neste contexto se situa Edward Bellamy, cuja obra principal, *Looking Backward – Daqui a cem anos*, na tradução para o português –, tornou-se um dos romances mais populares naquele país na virada do século.

O conteúdo de *Looking Backward* pode ser enquadrado nos moldes daquilo que havia sido chamado de “Socialismo Utópico”, um rótulo que remete a um conjunto relativamente heterogêneo de obras, autores, ativistas políticos e propostas de reforma social, mas que têm em comum a crença de que o fim das contradições da sociedade capitalista e a consequente instauração de um modelo social igualitário podia e devia se dar a partir de um processo pacífico, de uma tomada de consciência que levasse a acordos para a transformação da sociedade. O socialismo utópico, nesse sentido,

¹ Na verdade o crescimento das cidades americanas foi muito mais notável do que o das europeias se considerarmos, por exemplo, que em 1979 45% dos centros urbanos com mais de cem mil habitantes na Europa tinham menos de 10.000 habitantes antes de 1800 (390/176 em números absolutos), enquanto nos E.U.A. esse índice era inferior a 2% (153/3). Cf. MONKONNEN, Eric. H. *America becomes urban: the development of U.S. cities and towns, 1780-1980*. University of California Press, 1990, p. 74-75.

compreenderia então projetos e ideários tão diversos quanto os falanstérios de Charles Fourier, a reorganização administrativa de Robert Owen ou a Icária de Etienne Cabet.

Essa expressão, devemos lembrar, foi cunhada com um caráter pejorativo num momento crítico na história da classe trabalhadora na Europa, tendo sido usada no *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, em 1848, e retomada em 1880 no opúsculo *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, de Engels. “[...] naquela época, o modo capitalista de produção, e com ele o antagonismo entre a burguesia e o proletariado, achava-se ainda muito pouco desenvolvido”, nos diz Engels (TUCKER, 1978, p. 687). Em outras palavras, a utopia corresponderia à infância do socialismo. De qualquer forma, isso não impede que a fórmula “socialismo utópico” possa ser usada como categoria de análise sem que isso implique necessariamente nessa conotação negativa, se considerarmos que, do ponto de vista dos próprios utopistas, seus projetos de transformação social seriam perfeitamente viáveis.

A América do Norte, de maneira especial, tornou-se palco de várias experiências realizadas por socialistas utópicos, pois muitos reformadores sociais viam ali um território ainda não completamente dominado pelo capitalismo e por isso acreditavam seriamente na possibilidade de sucesso de comunidades alternativas. Exemplos desse tipo de experiências sociais no XIX seriam New Harmony, fundada por Robert Owen, a Icária, de Etienne Cabet e Brook Farm, de inspiração fourierista, criada por George Ripley (Cf. BLAKE, 1963, p. 220-221; PETITFILS, s.d., p. 129).

Mas por que o tipo de organização social da cidade proposto por Bellamy interessou à intelectualidade de sua época? O que era a cidade norte-americana no final do século XIX, seus pontos positivos e negativos, e como a sociedade socialista descrita por Bellamy superava as contradições existentes num modelo de cidade que sofria forte ingerência administrativa da burocracia privada? Uma possível explicação para o sucesso editorial de *Looking Backward* – que vendeu cerca de 200 mil cópias só no primeiro ano de publicação – é que o cidadão médio norte-americano do século XIX não estava atrás de um modelo radicalmente diferente daquele encontrado nas

grandes concentrações urbanas. O objetivo último não era fugir da cidade, mas expurgar seus pontos negativos, mantendo o modelo existente.

Bellamy e sua utopia

Ao longo da segunda metade do século XIX o panorama literário norte-americano sofreu mudanças, pois os autores românticos, que exploravam temas como o pecado e a culpa, passaram a disputar cada vez mais espaço com uma literatura que tinha na cidade e no cotidiano do cidadão urbano seu foco de atenção. Diversamente de Herman Melville, que explicitou as implicações metafísicas envolvidas na caça de uma baleia, ou de Nathaniel Hawthorne, que fez renascer o medo do Demônio, tão comum a seus ancestrais puritanos da Nova Inglaterra, autores como Horatio Alger Jr. ou T. W. Adams atraíam a atenção do público com o enredo do garoto pobre que trabalha duro, vence na vida e se torna um poderoso homem de negócios. Ou ainda: escritores como Edith Wharton, que respondia aos interesses das classes mais altas ao focar os conflitos entre “novos ricos” e as famílias tradicionais de Nova York. É no meio dessa tendência de renovação literária emerge *Looking Backward*, de Bellamy, que contrasta a injusta sociedade urbana e industrial de seu tempo a uma imaginária América socialista, na qual, por meio de um governo centralizado, todos viveriam dignamente.

A escrita da obra foi motivada, entre outras coisas, pelos acontecimentos de 4 de maio na Haymarket Square, em Chicago. Ali, um grande número de trabalhadores, membros do *Knights of Labor*, um movimento operário de âmbito nacional, reuniu-se para se manifestar contra um ataque infligido a grevistas no dia anterior, no qual um trabalhador havia sido morto. A manifestação, que pretendia ser pacífica, irrompeu-se num tumulto quando uma bomba explodiu no meio de 200 policiais que até aquele momento se posicionavam apenas como observadores. Bellamy sentia especial aversão pelos anarquistas, que, por causa do uso da violência, contribuíam para com uma imagem negativa dos movimentos trabalhistas

junto à opinião pública. Para ele as soluções poderiam ser encontradas por meio de acordos pacíficos conseguidos por organizações trabalhistas de âmbito nacional, como o *Knights of Labor* e o *American Federation of Labor*. Diante desse quadro, Bellamy procurou delinear uma estrutura econômica e política na qual a injustiça social fosse impossível. Tais ideias foram organizadas na forma de um romance publicado em 1888, que inesperadamente conheceu um grande sucesso. *Looking Backward* foi impresso em vários milhões de exemplares e traduzido para mais de vinte línguas, tendo sido um dos maiores *bestsellers* americanos na virada do século.

No romance, o Sr. Julian West, um jovem de família rica, é transportado para o ano 2000 após uma suposta noite de sono. Tendo adormecido por meio de técnicas de mesmerização, o protagonista permanece esquecido, e sem envelhecer, num compartimento secreto de sua casa, para ser descoberto mais de cem anos depois e reanimado por um médico chamado Dr. Leete:

— [...] Agora pode me dizer um pouco mais explicitamente quando adormeceu, quero dizer, em que data.

— Ora, noite passada, claro. Já disse isso, não? Isto é, a não ser que eu tenha dormido o dia inteiro. Meu Deus! Não é possível, e no entanto tenho a sensação de ter dormido muito tempo. Fui dormir no dia da condecoração.

— dia da condecoração?

— É, na segunda-feira, dia 30.

— Desculpe, dia 30 de quê?

— Ora, deste mês, é claro, a menos que eu tenha dormido tanto que entrasse pelo mês de junho, mas isso não é possível.

— Estamos em setembro.

— Setembro! O senhor não está querendo dizer que dormi desde maio! Meu Deus! Puxa, é inacreditável.

— Veremos — replicou meu interlocutor — está me dizendo que adormeceu a 30 de maio?

— Isso mesmo.

— posso lhe perguntar de que ano?

Olhei-o com uma expressão vazia, incapaz de falar por alguns momentos.

— De que ano? — repeti suas palavras num murmúrio, afinal.

— Sim, de que ano, por favor? Depois que me disser isso poderei lhe dizer quanto tempo dormiu.

— Era o ano de 1887 — respondi.

Meu interlocutor insistiu para que eu bebesse outro gole do copo e tomou meu pulso.

— Meu caro senhor [...] estamos no dia 10 de setembro do ano 2000. Assim o senhor dormiu 113 anos, três meses e onze dias (BELLAMY, s.d., p. 37-38).

A sociedade do ano 2000, tal como descrita por Bellamy, não difere muito, em termos de tecnologia, daquela que se configurava no século XIX. O que muda é a racionalidade do sistema econômico. Por meio de uma administração pública centralizada, a produção aumenta e a jornada diminui, pois o que é gasto em armamentos, propaganda e complexa distribuição de mercadorias é então canalizado para atividades mais relacionadas ao bem-estar, uma vez que nessa nova sociedade não há mais guerras nem competição de mercado. Diminui também o desperdício ocasionado por empreendimentos equivocados, crises periódicas e ociosidade capital e trabalho. Todos trabalham, todos possuem a mesma renda e ninguém se abstém de uma vida farta e digna. Na sociedade capitalista do século XIX uma distribuição igualitária da renda nacional ainda não seria suficiente para acabar com a pobreza. No ano 2000, pelo contrário, à padronização da renda individual, soma-se o aumento da produção e o fim do desperdício, que em conjunto oferecem conforto material a toda a população.

Seria errôneo afirmar que Bellamy não tenha concebido qualquer inovação tecnológica em sua visão do futuro. Tratam-se, porém, de profecias não cumpridas, ingênuas em sua maioria, como a combustão sem fumaça ou marquises retráteis para a proteção dos pedestres em dias de chuva. Ainda que não desprovidas de certo charme, tais profecias encontram-se muito aquém das narrativas futuristas de Júlio Verne ou H. G. Wells, por exemplo. É no aspecto econômico e social que Bellamy sem impõe, justificando assim,

com sua originalidade e sedução, a profunda influência exercida por *Looking Backward* em personalidades como John Dewey, Eugene V. Debbs, William Allen White, entre outras no meio intelectual norte-americano.

Outros livros escritos por Bellamy não foram tão populares quanto *Looking Backward*, mas como conferencista ele atingiu certa notoriedade, tendo inspirado mais de 160 “Clubes Bellamy” para discutir suas ideias.² Em 1889, na primeira edição do periódico *The Nationalist*, editado pelo primeiro “clube Bellamy” de Boston, ele afirmava que seu romance era “uma mera fantasia literária, um conto de fadas de felicidade social” (BELLAMY *apud* MADISON, 1942, p. 444). Em *Looking Backward*, porém, que era muito mais lido, Bellamy tinha asseverado que o referido romance “tenciona, com toda seriedade, ser uma previsão de acordo com os princípios de evolução, do próximo estágio do desenvolvimento social e industrial da humanidade, especialmente neste país [os Estados Unidos]”. E mais: Bellamy não admitia um prazo maior do que aquele estabelecido em *Looking Backward* – um século! – na transição da sociedade capitalista para a profetizada “civilização fraterna”, pois, argumenta ele, “o que nos ensina a história, senão que as grandes transformações nacionais, embora sejam preparadas durante anos sem que ninguém as perceba, uma vez iniciadas, concretizam-se com rapidez e com ímpeto irresistível, proporcionais à sua magnitude e não limitados por ela?” (BELLAMY, s.d., p. 203) A mudança de atitude de um ano para outro é gritante e paradoxal, mas podemos entendê-la se considerarmos que, no momento da escrita, Bellamy não tinha ideia ainda da repercussão que seu livro teria. Posteriormente ele pode ter se sentido intimidado com a influência que ele próprio poderia exercer sobre a sociedade americana de seu tempo. Mais provável, portanto, é que Bellamy realmente acreditasse no advento das transformações sociais por ele preconizadas, embora posteriormente tenha se tornado mais reservado a esse respeito.

² Esses clubes eram na verdade chamados de “Clubes Nacionalistas”, uma vez que o próprio Bellamy preferia chamar sua proposta de “nacionalismo” e não de “socialismo”.

Bellamy e a cidade

No século XIX os Estados Unidos se tornam *locus* de um acelerado processo de industrialização, operando uma transformação profunda nas relações sociais, de modo análogo ao que ocorria no continente europeu no mesmo período. A fábrica, símbolo desse processo, assumia proporções gigantescas, estabelecendo-se geralmente nas proximidades de rios – para aproveitamento da água e eliminação de detritos – e fazendo fluir para perto de si grandes massas humanas. Embora se possa afirmar, como Richard Sennet, que “comércio, finanças e burocracia permanecem as atividades principais das capitais” (SENNET, 1988, p. 166), foi inegável o papel da indústria de grande porte no aumento da população das grandes cidades do século XIX. Maria Stella Bresciani, porém, afirma que neste período “o homem, ao sobrepujar-se à natureza, havia caído na armadilha de sua própria astúcia” (BRESCIANI, 1985, p. 39), pois “a cidade representa o [...] lugar onde a subordinação da vida a imperativos exteriores ao homem se encontra levada às últimas conseqüências” (BRESCIANI, 1985, p. 39).

Baseando-se nos registros de intelectuais influentes do século XIX, Bresciani aponta ainda perdas diversas sentidas por aqueles que se encontravam diante desse crescimento assustador das metrópoles. Tal sentimento teria como resultado a convicção, por parte das pessoas cultas de então, de que estavam “vivendo no limiar de uma ‘nova era’, prenhe de um potencial transformador ainda não avaliado” (BRESCIANI, 1985, p. 36-37). Muitos desses intelectuais acreditavam que a superação dessas perdas se daria por meio de um resgate da antiga sensibilidade rural, como é o caso de William Morris, que escreve uma utopia de caráter bucólico. No extremo oposto estavam aqueles que, a exemplo de Saint-Simon, com sua crítica à permanência de privilégios do Antigo regime, viam no ulterior desenvolvimento da sociedade industrial a solução para os problemas sociais. Em certa medida é nesta direção que apontavam também as reflexões de Edward Bellamy, pois este via na radical cisão entre cidade e campo a melhor resposta aos paradoxos sociais derivados do desenvolvimento urbano-industrial.

Não devemos pensar, porém, que o posicionamento otimista de Bellamy em relação à cidade implicasse numa subestimação dos aspectos negativos trazidos pelo processo de industrialização. Em *Looking Backward*, Bellamy oferecia uma crítica ferrenha à sociedade urbana de seu tempo, pois a comparação entre a cidade real e a cidade utópica oferece inúmeros temas de questionamento. Lewis Mumford, ao tratar da questão urbana no século XIX, afirma que:

Aqueles que elogiam os melhoramentos urbanos ocorridos durante aquele período, ou a suposta elevação dos padrões de vida, lutam, com desvantagem, contra os fatos reais: generosamente atribuem à cidade em seu todo benefícios de que só a classe média mais favorecida, uma minoria, podia gozar; e interpretam, nas condições originais, os melhoramentos que só três gerações de legislação ativa e engenharia sanitária maciça finalmente puderam produzir (MUMFORD, 1965, p. 587).

Bellamy aceita tudo isso e ainda mais: não só as condições de moradia da população são deficientes, mas também a educação, o comércio, a literatura, o relacionamento entre patrões e empregados, e diversos outros aspectos da vida nas grandes cidades encontram-se degenerados. A volta ao campo, no entanto, não representa, para Bellamy, uma resposta possível para os impasses criados pela urbanização. Os habitantes das grandes cidades eram cercados de miséria, mas relutavam em abandonar o meio urbano. A “marcha para o Oeste” ainda estava em curso nos Estados Unidos ao longo do século XIX, mas as cidades também ofereciam seus atrativos. Expurgar os aspectos negativos do meio urbano e industrial, portanto, se colocava como proposta fundamental em *Looking Backward*. Interrogado pelo seu anfitrião, o Dr. Leete, sobre o que mais havia lhe chamada a atenção ao vislumbrar de uma sacada a Boston do século XX, o Sr. West responde:

— Para falar de coisas pequenas antes de falar nas grandes, [...] parece-me que a completa ausência de

chaminés foi o detalhe que me impressionou primeiro (BELLAMY, s.d., p. 43).

A indústria, geradora de riqueza, não desapareceu da utopia futurista de Bellamy. Sai de cena apenas a chaminé, representação paradigmática da poluição e insalubridade sempre presentes na sociedade industrial. Expulso o elemento negativo, a cidade se revela o lugar ideal de trabalho e residência.

Bellamy e o comércio

Bellamy sentia horror ao comércio tal como era organizado no século XIX, pois a lei de mercado era, para ele, fonte de desperdício, injustiça e mentiras. Um sistema de distribuição de mercadorias que necessita de intermediários entre o produtor e o consumidor tenderia a aumentar injustificadamente o custo de um produto, distanciando assim o referencial de preço do valor real das mercadorias. Além disso, as longas peregrinações de loja em loja que eram requeridas do consumidor, se este desejasse pagar um preço justo pelo produto de que necessitava, representava a perda de um tempo que poderia ser empregado mais eficientemente. “A perda de tempo de ir de loja em loja era de fato muito criticada pelas pessoas ocupadas”, escreve Bellamy em *LookingBackward*. “Mas, quanto às senhoras das classes ociosas [...] o sistema era realmente um presente do céu, dando-lhes oportunidade de matar o tempo” (BELLAMY, s.d., p. 75).

Ao longo do século XIX as pequenas lojas de artigos gerais, próprias das cidades pequenas, cuja posse e administração cabia geralmente a não mais que uma família, cedeu terreno para novas formas de organização comercial que procuravam atender as necessidades – e oportunidades – que passavam a existir nas grandes metrópoles. Surgia então a *loja de especialidades*, dirigida a determinada linha de produtos, como ferramentas, sapatos, roupas ou alimentos, por exemplo. Criavam-se ainda as *lojas de departamento*, nas quais “a margem de cada item seria pequena, mas o volume de mercadorias seria grande. Os preços das mercadorias seriam fixos e claramente marcados.

Qualquer pessoa poderia entrar nessa loja apenas para olhar, sem sentir qualquer obrigação de compra” (SENNET, 1988, p. 180). Uma terceira novidade ainda, as *cadeias de lojas*, com filiais em várias cidades, impunha-se firmemente no mercado, pois, comprando no atacado em grande quantidade, elas podiam adquirir produtos a preços mais baixos, que poderiam ser repassados aos consumidores.

Bellamy via com bons olhos esse processo de gigantização das entidades comerciais, pois se evitava assim muito do desperdício decorrente da má organização do comércio varejista. Entretanto, para ele, as novas formas de organização comercial nasciam já sob o signo do vício, pois os vendedores “eram contratados com o objetivo de se livrarem das mercadorias, e se esperava que fizessem o máximo, com exceção do uso da força [mas não da mentira], para chegar àquele fim” (BELLAMY, s.d., p. 76). Nesse sentido a perspectiva de Bellamy está em sintonia com a de Sennet quando este afirma:

Os níveis de preços de alguns artigos baixaram, mas essa poupança era mais do que simplesmente anulada, pois até pessoas que tinham poucos recursos passaram a comprar artigos que nunca haviam sonhado possuir. Expandia-se o nível de consumo entre as classes médias e as classes trabalhadoras mais altas. Um exemplo: com o advento da loja de departamentos, a ideia de possuir vários conjuntos de roupas, todos quase similares e feitos a máquina, para uso nas ruas, passou a se firmar (SENNET, 1988, p. 182).

As lojas do futuro, segundo Bellamy, seriam apenas exposições de amostras, todas com preços iguais e exatamente a mesma diversidade de artigos, de maneira que seria inútil procurar determinada mercadoria em mais de uma loja. Os produtos seriam anotados e enviados a um depósito central por meio de um sistema de tubos pneumáticos. Deste depósito seriam entregues diretamente às casas dos consumidores em questão de minutos. Bellamy faz a ressalva de que a distribuição de mercadorias se daria no meio

urbano de maneira mais rápida e eficaz que no meio rural. Assim diz Edith, personagem de *Looking Backward*:

Para poupar despesas, porém, em muitos condados um conjunto de tubos liga vários vilarejos com o armazém, e então se perde tempo esperando um e outro às vezes passa-se duas ou três horas antes que os produtos sejam recebidos. Era assim onde estive o verão passado e achei isso muito inconveniente (BELLAMY, s.d., p.79).

É claro que o objetivo principal do autor é surpreender seus leitores com a imagem de uma entrega agilíssima. Mas para isso Bellamy implicitamente sugere que a cisão entre cidade e campo ainda persistiria.

Arquitetura e urbanismo em *Looking Backward*

Ao longo da segunda metade século XIX desenvolveu-se uma tendência na arquitetura, na qual o edifício mais bem desenhado seria aquele cujo estilo e uso de materiais fosse o mais apropriado à sua finalidade específica. Representada por nomes como Louis H. Sullivan, por exemplo, que cunhou a expressão “Form follows function”, essa tendência encontrou eco no cenário norte-americano *fin-de-siècle*, com as cidades em expansão, imóveis supervalorizados, inovações tecnológicas e abundância de novos materiais de construção, como concreto, aço, vidro etc. Esse contexto tornou possível a multiplicação dos “arranha-céus”. Não conhecendo limites de altura, e possuindo elevadores que poderiam ser impulsionados por máquinas a vapor ou eletricidade, essas construções inéditas apresentavam-se como a resposta definitiva para o problema de espaço nas grandes cidades.

A grandiosidade do estilo, entretanto, era a meta não só daqueles que buscavam a máxima praticidade, mas também do arquiteto que tencionava conferir um caráter “sublime” a sua obra. Maria Stella Bresciani, analisando a arquitetura das grandes metrópoles da Europa no século XIX afirma:

O aspecto majestático dessas construções, bastante diversas em suas formas e materiais, reunindo com frequência estilos de várias épocas e lugares, sugeria primordialmente o poder da burguesia, um poder que deveria parecer grandioso, infinito e esmagador. [...] Presentes em muitas capitais e grandes cidades europeias, essas construções majestosas fincaram-se como marcos do poderio burguês. [...] A intuição burguesa de estar iniciando um tempo novo traduzira-se em avenidas cortando as cidades de formas variadas e em prédios monumentais onde se mostrava gritantemente a capacidade da tecnologia realizar com os modernos materiais a síntese de toda a cultura universal (BRESCIANI, 1985, p. 42-45).

Bellamy de maneira alguma rejeita esse gosto burguês pela grandiosidade, pois numa sociedade sem desperdícios todos vivem confortavelmente e ainda assim a produção excede as necessidades individuais; e, de acordo com *Looking Backward*, “não existe destinação mais popular para a riqueza excedente que o adorno da cidade” (BELLAMY, s.d., p. 44). A consonância entre a sensibilidade estética de Bellamy e aquela da burguesia do século XIX explicitada por Bresciani apresenta-se de modo claro quando o Sr. West, ao contemplar a fictícia Boston do século XIX do alto de uma sacada, assim exprime suas impressões:

Uma grande cidade estendia-se a meus pés. Quilômetros de ruas amplas, sombreadas por árvores e orladas de belos edifícios, a maior parte em quarteirões contínuos, mas dentro de jardins de vários tamanhos, estendiam-se em todas as direções. Cada bairro continha grandes praças cheias de árvores, entre as quais brilhavam estátuas e fontes ao sol do fim da tarde. Edifícios públicos de um tamanho colossal e de uma grandeza arquitetônica sem paralelo no meu tempo erguiam suas imponentes colunas de cada lado (BELLAMY, s.d., p. 42).

Numa outra ocasião, quando o Sr. West tem a oportunidade de conhecer um edifício público – uma loja –, a grandiosidade do cenário urbano é descrita de modo não menos enfático:

Eis aqui a loja do nosso bairro – disse Edith, quando nos dirigíamos para o grande portal de um dos magníficos edifícios públicos que eu havia observado no meu passeio pela manhã. [...] Por cima do portal, destacando-se da fachada do edifício, via-se um majestoso grupo de estátuas de tamanho natural, cuja figura central era uma mulher simbolizando a abundância, com uma cornucópia na mão. [...] Era o primeiro interior de um edifício público com que eu me deparava, e o espetáculo, naturalmente, impressionou-me muito. Vi-me numa vasta sala cheia de luz, vinda não apenas das janelas de todos os lados, mas da cúpula a cerca de 35 metros de altura. Abaixo dela, no centro da sala, estava localizada um fonte magnífica, refrescando deliciosamente a atmosfera com seus jorros. As paredes e o teto eram pintados de afresco em tintas suaves, calculadas para atenuar, sem absorver, a luz que inundava o interior. Em volta da fonte havia um espaço ocupado por cadeiras e sofás, nos quais muitas pessoas sentavam-se para conversar (BELLAMY, s.d., p. 75-76).

O otimismo com que Bellamy encara o caráter majestático dos edifícios burgueses do século XIX, e que o leva à manutenção e exaltação destes em sua utopia socialista, reflete uma sensibilidade estética comum à maioria de seus contemporâneos. Certo de estar vivendo uma era de enorme potencial transformador, Bellamy via na grandiosidade da arquitetura de seu tempo os indícios de que esta transformação já estava em curso.

Em *Looking Backward*, a magnificência das construções se limitaria, contudo, ao domínio público. Não havendo diferenciação de renda de um indivíduo para outro, cessaria a necessidade de exibicionismo no que se refere ao poder aquisitivo de cada um. Se uma pessoa adquire uma casa acima dos padrões normais de sua comunidade, todos sabem que isso é feito à custa de sacrifícios e privações. Sendo assim, todos se contentam com

habitações modestas, de acordo com suas necessidades. Assim fala a Sra. Leete, outra personagem de Bellamy: “não escolhemos casas maiores do que precisamos, e as mobiliamos de forma que dê o menor trabalho possível conservá-las em ordem” (BELLAMY, s.d., p. 85).

É gritante o contraste entre a utópica cidade do século XX e a Boston do século XIX em relação à desigualdade social evidenciada na distribuição espacial das habitações das metrópoles. O Sr. West pertencia à camada mais alta da sociedade americana de sua época, possuía uma mansão, mas indesejável, pois se localizava num bairro que vinha sendo progressivamente ocupado pelas classes mais pobres. Bellamy assim expõe essa situação:

Pois deve-se entender que a relativa desejabilidade das diferentes partes de Boston para residência dependia, então, não de aspectos naturais, mas da natureza da população vizinha. Cada classe ou nação vivia por si mesma, em bairros que lhes pertenciam. Um homem rico, vivendo entre os pobres, vivia como se estivesse isolado no meio de uma raça invejosa e estrangeira (BELLAMY, s.d., p. 29).

Na cidade utópica imaginada por Bellamy reina a quase absoluta uniformidade, pois se todos têm o mesmo nível de poder aquisitivo, as diferenças de luxo e tamanho são mínimas. Os mais sedentários necessitariam de casas maiores e mais confortáveis, enquanto os amantes de viagens se contentariam com residências mais simples, provendo assim um excedente que custeasse seus gostos. A diferença, entretanto, tem como base uma escolha livre, e não a pertença a determinada classe social que estabeleça distinções dessa ordem desde o nascimento.

O que há de atual e de obsoleto na utopia de Bellamy?

O romance *Looking Backward* exerceu um fascínio imenso na intelectualidade norte-americana do final do século XIX e conheceu um

sucesso editorial inesperado, ficando atrás apenas de *Uncle Tom's cabin*, de Harriet Beecher Stowe, e *Bem-Hur*, de Lew Wallace, entre os mais vendidos nas últimas décadas do século XIX. Entretanto, ao longo do século XX, as experiências socialistas de tipo autoritário, somadas ao sucesso editorial de romances anti-utópicos, isto é, textos literários que apresentavam sociedades perfeitas de forma satírica, de modo a denunciar mais explicitamente o caráter anti-humanista destas – títulos como *Nós*, de Eugene Zamiatin, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e *1984*, de George Orwell, de imediato nos vêm à mente – contribuíram para desacreditar a utopia em geral, e em particular aquelas como as de Bellamy, que tinham por fundamento a centralização administrativa do Estado.

Para Bellamy o simples fato de que a distribuição da renda se daria de maneira igualitária, justificaria a hipótese de que a ganância, a ânsia pelo lucro, cessaria de existir. Bellamy, contudo, não considerou a possibilidade de que um governo centralizado, de posse de todos os meios de produção da nação, poderia atuar de maneira análoga àquela dos capitalistas de seu tempo, a exemplo do que ocorreu durante o regime stalinista na União Soviética, em que o fortalecimento econômico do Estado se fazia frequentemente à custa da desumanização das condições de vida de grandes parcelas da população. A substituição do capitalista pelo governo significa simplesmente o estabelecimento de uma burocracia estatal ao invés de uma burocracia privada. O ser humano não deixa, em nenhuma dessas situações, de ser tratado como objeto e não sujeito. É nesse sentido que apontam as reflexões de Erich Fromm, comentador de Bellamy, quando afirma:

Bellamy não viu os perigos de uma sociedade administrativa e da burocratização. Não percebeu que o burocrata é um homem que administra coisas e pessoas, e que se relaciona com as pessoas *da mesma maneira* como se relaciona com as coisas. Bellamy não compreendeu que uma sociedade em que o indivíduo não age como participante responsável de seu próprio trabalho carece dos elementos essenciais da democracia, sendo uma sociedade em que o homem perde a sua individualidade e

sua iniciativa; não compreendeu que o sistema burocrático tende, por fim, a produzir máquinas que agem como homens e homens que agem como máquinas (FROMM *apud* BELLAMY, s.d., p 11).

Outra crítica que podemos fazer a *Looking Backward* diz respeito à inércia do sistema social imaginado por Bellamy. Numa sociedade em que tudo é perfeito não há necessidade de mudança. Assim, a literatura que retratasse semelhante organização social estaria condenada ao desinteresse, pois toda obra de valor literário se desenvolve a partir de um problema humano. Não havendo problemas, não há questões existenciais a demandar soluções poéticas, e, portanto, não há literatura. Mesmo a obra de Bellamy, se não procurasse responder às angustias da maioria de seus leitores, não teria chamado tanta atenção. Eugéne Zamiatin, autor de uma influente anti-utopia, comenta algo parecido a respeito dos escritos soviéticos:

[...] a redução dos preços, melhoramentos sanitários nas cidades... tudo isso é muito bom... posso imaginar um excelente artigo de jornal sobre tais tópicos (um artigo que será esquecido no dia seguinte). Mas acho difícil imaginar uma obra de Lev Tolstoy ou de Romain Rolland baseada na melhoria das condições de saneamento (ZAMIATIN, 1983, p. 9).

As utopias negativas, como as de Zamiatin, que, mantendo a mesma estrutura das narrativas utópicas tradicionais, transformam a utopia numa caricatura de si mesma, não eram uma novidade, mesmo muito antes de Bellamy. Em *Cândido ou o otimismo*, por exemplo, Voltaire, no século XVIII, fez com que dois personagens – Cândido e Cacambo – encontrassem o Eldorado, uma terra sem males e uma sociedade igualitária. Nesse lugar as margens do rio eram forradas de pepitas de ouro, rubis e esmeraldas, mas ali ninguém dava valor a isso. Mesmo reconhecendo a felicidade e o alto padrão de vida que usufruíam ali, seu desejo era o de voltar à civilização: “Se ficarmos aqui, seremos simplesmente iguais a todos os outros, enquanto que se retornarmos à Europa, mesmo com meras doze ovelhas carregadas das

pepitas de Eldorado, então seremos mais ricos que todos os reis juntos”. (VOLTAIRE, 2006, p. 46) No século XX, porém, o gênero anti-utópico assumiu um caráter diferenciado, pois se tratava de levar a sátira muito a sério, como comenta o crítico literário Robert C. Elliot:

Enquanto para Bellamy e Morris a sociedade presente era o mal a ser superado, e a imagem da vida desejada era projetada no futuro, na utopia negativa é a vida do futuro, criada como resposta ao anseio humano de felicidade na Terra, que é o mal. Utopia é uma palavra má hoje não porque não tenhamos esperança de atingi-la, mas porque temos medo dela. A utopia ela mesma (num sentido bastante especial do termo) se tornou o inimigo (ELLIOT, 1970, p. 89).

Se *Looking Backward* exerceu um impacto profundo na imaginação dos leitores do final do século XIX, isto se dava em grande medida porque esses acreditavam na viabilidade da proposta de reforma social ali apresentada. Mas podemos dizer o mesmo de *1984*: o horror de uma sociedade dominada pela polícia do pensamento é magnificado pela perspectiva de que, em muitos aspectos e em diversos lugares, era esse o rumo que as coisas pareciam estar tomando. Não seria exagero, portanto, dizer que *Admirável Mundo Novo* e *1984* contribuíram decisivamente para o enfraquecimento do impulso utópico no século XX. Mas com isso, ficamos com uma questão: vale ainda a pena ler Bellamy?

O economista americano Warren J. Samuels, num artigo comemorando a aproximação do centenário da publicação de *Looking Backward*, não hesita em identificar em Bellamy um precursor da teoria do *Welfare State*. (SAMUELS, 1984, p. 131) Embora a utopia de Bellamy possua elementos que permitam a analogia – igualdade de oportunidades, distribuição igualitária da riqueza, responsabilidade pública em relação a deficientes físicos e mentais –, Samuels está errado: o *Welfare State* tem sua origem, senão sua natureza, no sistema capitalista, enquanto na utópica sociedade do século XX de *Looking Backward* a lógica do capitalismo teria

sido superada, na prática seria como se todos tivessem se tornado funcionários públicos. O que Samuels acertadamente aponta é que, por mais ultrapassada que nos pareçam hoje as propostas de reforma social e econômica de Bellamy, por mais ingênuas que nos pareçam suas ideias após as experiências autoritárias de socialismo do século XX e após as utopias negativas de Zamiatin, Huxley e Orwell, *Looking Backward* pressupõe uma concepção de justiça social e um conjunto de princípios éticos que, em muitos aspectos, ainda são bastante atuais. E isso porque muitos dos problemas sociais que ocupavam as mentes dos reformadores do século XIX, apesar de terem sofrido transformações radicais, não deixaram de existir.

Também merece destaque o fato de que em *Looking Backward* não encontramos uma nostalgia em relação ao período pré-industrial, como na utopia bucólica de William Morris, ou mesmo no falanstério de Fourier, que buscava um equilíbrio entre a atividade agrícola e a industrial. Pelo contrário, para Bellamy, apesar da miséria, apesar do caráter desumanizante das condições de vida nas metrópoles que se constituíam sob o signo da industrialização, era a cidade o lugar preferencial de trabalho e residência. Isto porque, apesar das perdas por ela ocasionadas, era o único lugar onde certas potencialidades humanas podiam se desenvolver.

Se a educação formal, por exemplo, era pobre no meio urbano, do século XIX, no meio rural ela era quase inexistente. Se a jornada de trabalho era longa demais nas fábricas, as tarefas ali desenvolvidas eram geralmente menos árduas que as da atividade agrícola. Se o mercado nas cidades se achava submetido à inconstância dos ciclos econômicos, esse mercado atingia também o campo, que, além disso, sofria ainda com a incerteza das intempéries. Se a paisagem bucólica servia de cenário para excelentes obras de literatura, a cidade industrial certamente não ficava atrás nesse sentido. Enfim, se a relação do ser humano com a natureza se encontrava comprometida com o crescimento e multiplicação das cidades, devemos considerar que a perda de tal relação era compensada ao configurar-se no ser humano uma nova sensibilidade estética, que identificava na grandiosidade e majestade da arquitetura urbana o caráter sublime do novo sistema social.

Bellamy soube mostrar, portanto, que o habitante da cidade no século XIX estava ainda aberto a uma visão otimista da sociedade. Com a popularidade de *Looking Backward* evidenciava-se o fato de que cidadão da metrópole encontrava em seu *habitat* certa medida de realização pessoal, uma satisfação que se tornaria plena caso a utopia de Bellamy se tornasse realidade. Disso tudo se pode concluir que Bellamy, representante paradigmático do socialismo utópico do XIX, respondia aos anseios de boa parte da sociedade de seu tempo ao identificar a cidade como o lugar próprio e mais excelente de realização das novas capacidades humanas e do sonho, ainda distante, de igualdade social e de um mundo livre do flagelo da escassez.

Referências

- BELLAMY, Edward. *Daqui a cem anos: revendo o future*. Rio de Janeiro : Record, s.d.
- BLAKE, Nelson Manfred. *A history of American life and thought*. New Your: McGraw Hill, 1963.
- BRESCIANI, Maria Stella. Metrôpoles, as faces do monstro urbano. *Revista brasileira de História*, São Paulo, p. 35-68, set 1984- abr 1985.
- ELLIOT, Robert C. *The shape of Utopia: studies in a literary genre*. Chicago: Chicago University press, 1970.
- ENGELS, Friedrich. Socialism: utopian and scientific. In: TUCKER, Robert C. (ed.). *The Marx-Engels Reader*. New York: W. W. Norton and Company, 1978.
- MADISON, Charles A. Edward Bellamy, social dreamer. *The New England Quarterly*, vol. 15, n. 3, p. 444-466, sept. 1942.
- MUNFORD, Lewis. *A cidade na História*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.
- PETITFILS, Jean-Christian. *Os socialismos utópicos*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

- SAMUELS, Warren J. A centenary reconsideration of Bellamy's *Looking Backward*. *The American Journal of Economics and Sociology*. Vol. 43, n. 2, p. 129-148, apr. 1984.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- VOLTAIRE. *Candide and other stories*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- ZAMIATIN, Eugene. *Nós*. Rio de Janeiro: Anima, 1983.